

denominação
Fazenda Bananal

código
AIII - FO7 - RF

localização
Rodovia RJ-145, distrito-sede

município
Rio da Flores

época de construção
séc. XIX

detalhamento do estado de conservação
no corpo da ficha

uso atual / original
criação de gado e turismo / fazenda de café

proteção existente / proposta
nenhuma / tombamento

proprietário
particular



situação e ambiência

A casa-sede fica na parte fronteira de um platô em que grande parte das construções que ali existiam (dispostas num "U" invertido) foram demolidas, estando o local tomado por um pomar de árvores frondosas de porte médio, como jabuticabeiras e goiabeiras.

Verificamos a existência de marcas alteadas no relevo de terra, que, segundo o proprietário, delimitavam o contorno dos blocos demolidos e que fechavam a configuração original do "U", até a casa de colono existente, à direita da sede. Não foi feito nenhum tipo de sondagem para averiguar a existência de fundações de pedra. Um córrego passa à sua frente, vindo da região dos antigos terreiros de café, em nível bem mais baixo e, após passar sob uma antiga ponte de pedra (f.12), forma um terreno alagadiço semelhante a um brejo, escoando em seguida, no sentido paralelo à estrada de acesso.



01



04



15

coordenador / data
equipe
histórico / revisão

Branca R.Figueira e Annibal Affonso M. da Silva - out 2007
Mauro Reis e Rita de Fátima
Adriano Novaes / Fernando Pozzobon

revisão / data
Alberto Taveira - jan 2008

Nesta parte frontal destacam-se algumas construções. A principal, à esquerda, servindo atualmente como curral de gado leiteiro, foi segundo o proprietário, um hospital de escravos. Ela possui sistema construtivo do século XIX, mantendo um mezanino (f.11, 63 e 64) e seu piso é de terra batida, mantendo no exterior pedra lavrada (f.65).

À direita da casa há um muro com uma portada, que, provavelmente, servia para acesso ao pátio central da configuração do bloco original em “U” (f.62). Na extremidade há uma casa de colono, localizada no ponto em que se encerrava o bloco primitivo. Existe também um muro de pedra paralelo à casa, abaixo da estrada, aparentando ser uma construção antiga (f.13).

Foi relatado pelo proprietário, baseado em informações de seu avô, que os antigos terreiros de café distavam quase um quilômetro da casa-sede, chegando-se a eles através da estrada de terra. Seguindo essa informação, logo avistou-se a formação dos platôs, utilizados hoje como pastagem (f.14 e 15).

No local existem resquícios de uma construção, havendo peças de madeira que ficam ao relento. Afloram, também, blocos de pedra, fundações e paredes, estando em menor estado de arruinamento os tanques de lavagem de café – que são utilizados atualmente como chiqueiro e possuem revestimento por uma camada de cimento (f.16 a 22) – e a amurada de sustentação da antiga roda d’água (f.23 e 24).

O abastecimento d’água era feito por uma canaleta artificial em terra, ainda existente e localizada no morro que ladeia este conjunto, a uma altura que lhe garante um bom caimento. A água, parece, vem desviada de algum córrego mais ao fundo da propriedade e, além de atender aos moinhos, servia para suprir a roda d’água – o tabuleiro do bicame ainda está lá, caído –, os tanques e outras “engenhocas” que necessitassem deste recurso.

A propriedade possui uma grande extensão de mata nativa, na ordem de 40 a 50% da área total. Existem informações sobre o local do cemitério de escravos, ficando à margem esquerda da rodovia RJ-145, uns 100m abaixo da entrada para a sede.



02



05



06



07



08



09



10



11



12



13



14



15



16



17



18



19



20



21



22



23



24

A casa-sede mantém um pavimento assente sobre porão baixo. Sua fachada principal é marcada pelo ritmo e simetria do neoclassicismo, em seu viés rural, característico da arquitetura produzida no Vale do Paraíba fluminense, em meados do século XIX.

Foi construída em alvenaria de pedra, com estrutura em madeira (barrotes, pilares, madres e frechais) e fechamento de paredes em pau-a-pique, mantendo soalho em tabuado e forro em madeira, do tipo saia e blusa.

Na fachada principal, o eixo de simetria da composição é marcado pela porta de entrada, que mantém quatro janelas de cada lado, tendo acesso por uma escadaria de pedra lavrada com seis degraus em semi-círculo. Apresenta equilíbrio nos panos cheios, pois mantém mesma altura acima e abaixo das janelas, sendo a composição coroada por um beiral de madeira com frisos trabalhados e limitada nos cunhais por pilastras.

Finalizando a composição, a cimalha de madeira, com bom serviço de carpintaria, é arrematada na base por uma aba lisa, pintada em azul escuro na fachada frontal e nas demais num tom azul champagne claro, já desgastado pelo tempo (f.27 e 51). Apenas um trecho do bloco dos fundos, no trecho final das fachadas lateral esquerda e dos fundos, possui cachorros (f.32). Por fim, o telhado, em quatro águas, assume ponto elevado, característico do cobrimento em telhas capa e canal.

A fachada lateral direita também possui este apuro, diferentemente das fachadas restantes, onde a ornamentação, mesmo mantendo o ritmo e simetria dos vãos de janelas, já não possui sobrevergas e cunhais tão requintados.

Os vãos de porta e janela apresentam verga reta em todo o perímetro da casa. A porta de acesso principal, com cercadura na cor azul escuro, mantém folhas cegas de abrir pintadas no mesmo tom, com almofadas contornadas por um cordão na cor creme. As janelas que a ladeiam apresentam mesma conformação, mantendo folhas externas de guilhotina pintadas de branco (f.51). Este modelo de janela repete-se nas demais fachadas, na cor natural da madeira (f.57). As sobrevergas existem apenas na fachada frontal e na lateral direita (f.39, 51 e 57). Em algumas janelas da fachada lateral esquerda há folhas externas em venezianas de madeira (f.56).

Na fachada lateral esquerda do bloco dos fundos existe um modelo gradeado de janela, típica de cozinhas da época, com folhas cegas de abrir, na cor natural da madeira (f.55), que foram colocadas pelo pai do atual proprietário, segundo suas informações.

Internamente, no bloco central, há dois modelos de portas: um com vergas e umbrais na cor vermelho vinho, folhas cegas na cor branca, com detalhes no mesmo vermelho vinho na calha (f.53) e outra com vergas e umbrais em azul escuro, bandeiras brancas com postigos em duas camadas e folhas cegas de abrir na cor creme, com arremate em azul escuro na calha central (f.52). No bloco dos fundos há portas semelhantes às primeiras, com vergas e umbrais azul claro e folhas cegas amarelas (f.54).



39



40

Atualmente, sua planta está resolvida em dois blocos, com formato retangular formando um “L”. Sua disposição interna tem os compartimentos principais no bloco frontal voltados para as fachadas frontal e lateral direita. Das alterações feitas, a mais visível foi a divisão do antigo salão de festas em quartos (Q1, Q2, Q3 e Q4) com um *hall* de distribuição, ficando como prova de seu passado o forro, em trabalho de madeira mais rico que os demais compartimentos da casa (f.59 a 61). O assoalho, em macho e fêmea de madeira, foi instalado em época mais recente, quando da divisão do antigo salão de festas em quartos (f.34).

A capela parece ter sido adaptada, pois o lugar onde está instalada apresenta características de um quarto ou sala (f.44). Atrás do altar fica uma janela lacrada, com sua parede possuindo uma pintura diferenciada. O proprietário tirou um nicho lateral do altar para fotografá-la (f.50). No bloco de fundos foram adaptados dois quartos para serem utilizados como cozinha e banheiro (f.47).

Merecem destaque a pintura decorativa na alcova, emoldurada por peça de madeira (f. 48), a pintura escondida atrás do altar da capela (f.50) e a moldura de madeira pintada na cor azul, formando um quadro cego na alvenaria (f.49).

Pelos relatos colhidos, o quadrilátero funcional da fazenda fechava-se num “U” invertido, mantendo pátio central. Este bloco se estendia pelos fundos da casa em direção ao atual pomar, fechando novamente a frente, onde fica hoje a casa de colono (f. 08 e 09). Ao lado direito da casa-sede ainda existe um antigo muro com a portada em pedra lavrada e cobertura de telha de barro, que era, provavelmente, o acesso para o pátio central do bloco primitivo mencionado (f. 62).

A supressão dos antigos trechos pode ter ocorrido em etapas, ao longo dos anos. Informa o proprietário / morador que seu pai falava de uma antiga parte demolida. E que ele mesmo presenciou a última demolição ocorrida, um espaço que ficava contíguo aos fundos, por estar subutilizado / abandonado. É visível o sinal de corte na cimalha (f. 06 e 29).

Além das supressões, o prédio parece ter marcas dos complementos dos anos em que foi-se formando a fazenda. O mais proeminente fica no acabamento da cimalha na fachada lateral esquerda, parecendo fechar um bloco primitivo. Outro testemunho é a disposição das peças estruturais da cobertura na atual cozinha, que fecham em tacaniças, comuns a um pano de água. Isto leva a crer que seu crescimento pode ter ocorrido por partes, até chegar ao auge edificado (o antigo “U”).

As diferentes formas de estado de conservação entre os blocos frontal e dos fundos da casa-sede podem ajudar a explicar como se dava no passado o processo de abandono e demolição de partes de uma casa de café. Atualmente apenas uma pessoa ali reside.

A disposição dos compartimentos é semelhante à da Fazenda Santa Maria do Bonsucesso (também levantada neste projeto), localizada uns 4 Km abaixo, na localidade da cachoeira do Funil.



41



42



43



44



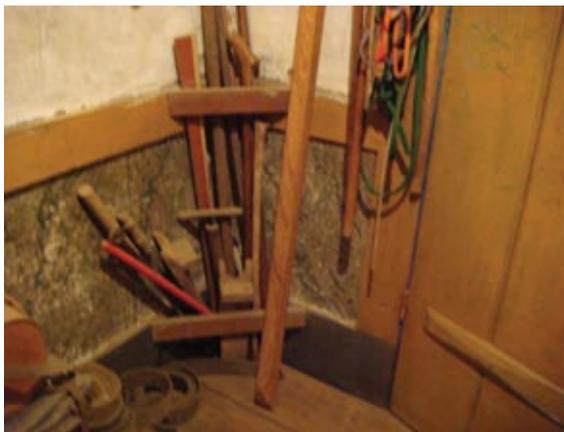
45



46



47



48



49



50



51



52



53



54



55



56



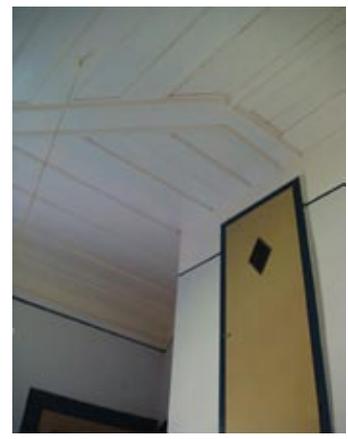
57



58



59



60



61



62



63



64



65

A casa-sede mantém dois níveis diferenciados de estado de conservação. Na parte frontal do bloco, onde ficam os compartimentos mais nobres e a área de maior vivência do atual morador, as condições são boas (f.39 e 43). No bloco dos fundos, destinado para o uso de serviços, percebe-se uma certa precariedade na sua conservação (f.31, 32, 45, 46 e 47). Desta forma, a maioria das ocorrências de patologias está no bloco dos fundos.

O principal problema estrutural visível ocorre na parte esquerda da fachada frontal, na qual, segundo o proprietário, a madre (ao nível do assoalho) foi substituída por uma cinta de concreto. Motivo este que pode ter ocasionado a rachadura existente na capela (f.25). Percebe-se, quando se olha pela janela, que a fachada apresenta uma certa inclinação (a imagem 40 foi feita desta janela, mas não conseguiu revelar este sintoma).

As instalações hidráulicas são externas às paredes no bloco dos fundos (f.30 e 31) e embutidas na cozinha e nos banheiros do bloco frontal e do bloco dos fundos (f.46 e 47).

Foram notadas trincas formadas, geralmente, na parte superior das paredes do antigo salão, atuais quartos Q1 e Q3 (f.26) e na capela, na quina atrás da porta, indo do piso até o teto (f.25).

O assoalho em madeira, com junta cega, está presente em grande parte da casa, estando em bom estado (f.43). No bloco dos fundos há pisos em madeira natural, com pequenos recalques (f.33). Os ambientes do antigo salão de festas mantém assoalho de madeira de bitola comercial, com encaixe em macho e fêmea, em perfeito estado de conservação (f.34). A sala de jantar recebeu cerâmica (f.37) e, no bloco dos fundos, o banheiro e cozinha piso possuem piso cimentado (f.38).

Os forros do bloco frontal apresentam bom estado de conservação (f.59, 60 e 61) e, no bloco de fundos, foram substituídos em alguns quartos (f.30). Na varanda fechada acham-se em processo de destruição em alguns trechos da (f.28 e 45). Na há forro na cozinha, banheiro e quartos Q9 e Q10.

O revestimento das paredes, interna e externamente, é feito por pintura à base de cal, exceto no antigo salão de festas, que é feito em PVA. Mantém as paredes bom estado em todo bloco frontal, apresentando, no bloco dos fundos, na fachada lateral esquerda, desprendimento e pulverulência. Abaixo de algumas janelas há entaipamento com alvenaria de tijolo maciço (f.30e 31);



25



26



27



28



29

A cimalha apresenta bom estado com pintura nova e bem conservada na fachada frontal (f.51). A fachada lateral direita está sem pintura e com pequenas trincas (f.27). Nas demais partes em processo de degradação (f.29, 32 e 42), como o trecho encachorrado aos fundos, apresentam-se sem pintura, com estado de conservação mediano (f.05 e 32).

As esquadrias da fachada frontal estão em melhores condições que no restante da casa, mantendo-se conservadas e pintadas (f.39 e 51). Nas demais partes estão sem a pintura renovada, na cor da madeira, ao natural, porém em bom estado, apresentando degradação nas guilhotinas e nas folhas de veneziana situadas na lateral esquerda (f.41, 42, 56 e 57).

A base do porão em pedra é toda revestida com uma camada de chapisco grosso (f.31 e 42). Nota-se a presença de umidade ocasionada pelos respingos do beiral.

A casa é contornada por calçada em pedra de mão (f.58), com alguns trechos cobertos com cimento.

Há uma galeria subterrânea para águas pluviais, visível na fachada lateral direita e na esquerda, próximo à fachada frontal.

As vedações apresentam-se em alvenaria em argamassa de barro (f.35) com revestimento de cal e areia, pintura em caiação branca exterior e interior, exceto na nova compartimentação do antigo salão, pintada com tinta PVA. As paredes de tijolo de barro, na divisão dos banheiros do bloco frontal e no antigo salão que foi dividido em quartos Q1, Q2, Q3 e Q4, mantém panos, abaixo de algumas janelas da fachada lateral esquerda, refeitos em tijolo maciço (f.32). Percebe-se, também, algum enxertos pontuais de argamassa de cimento, tanto no interior quanto no exterior (f.47, 55, 57 e 58)

Não foi possível acessar a estrutura da cobertura, mas, pelas aberturas de forro no varandão coberto e da cozinha, pode-se perceber que as tesouras e cumeeiras estão em bom estado (f.36). Houve substituição de alguns caibros e ripas de coqueiro, porém, a trama, essencialmente, mantém sua estrutura original (f. 36).

O cobrimento do telhado é feito em telha capa e canal, tradicional das fazendas de café, executado em seis águas, cujas peças apresentam a pátina natural do estado de envelhecimento (f.39 e 41). Há alguns locais com telhas corridas e com afundamento do plano.

A estrutura de madeira do bloco dos fundos encontra-se em condições mais precárias, com degradação do forro e pequenos recalques no assoalho da varanda coberta (f.45). O bloco frontal mantém piso e forros originais em bom estado de conservação (f.43 e 59 a 61). Pilares, madres, frechais, barrotes e contrabarrotes estão em bom estado de conservação, exceto no ponto em que um frechal foi substituído por uma viga de concreto, o que pode ter causado a rachadura na capela (f.25).

Não foi possível acessar o porão, por ser muito baixo e não possuir orifícios para vistoria.



30



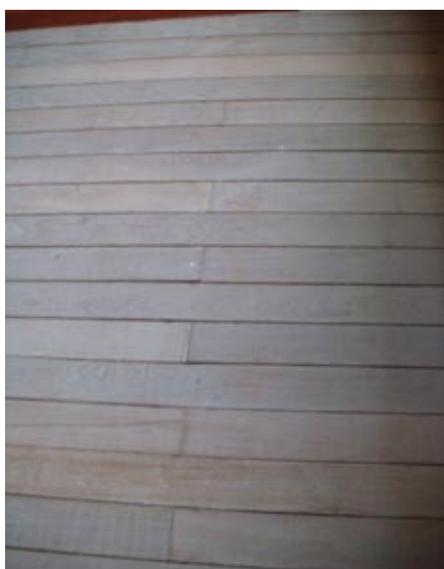
31



32



33



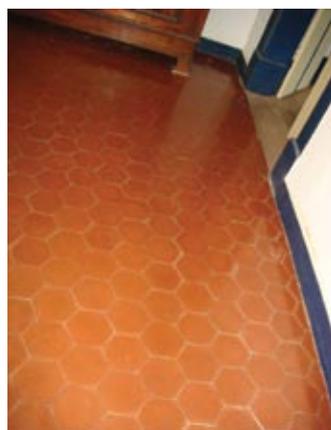
34



35



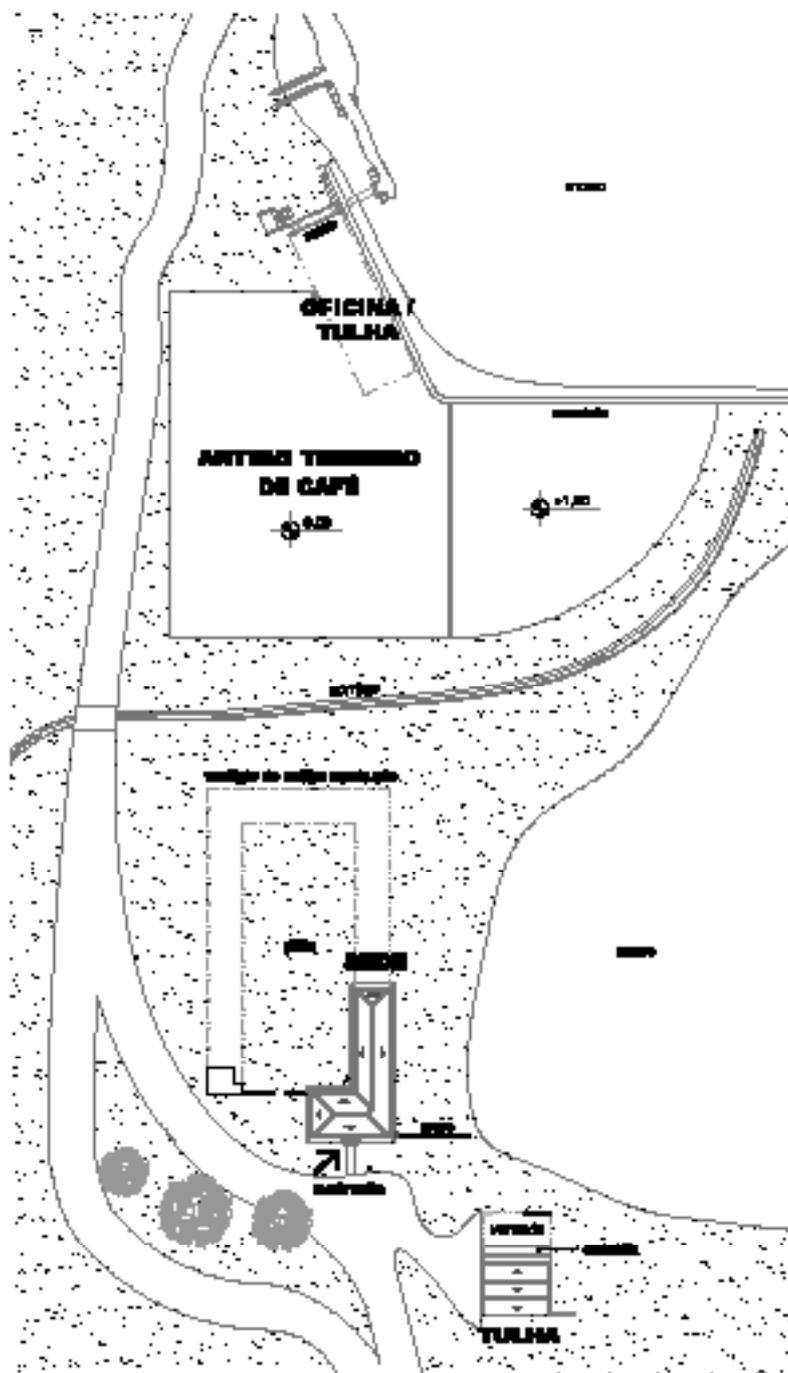
36



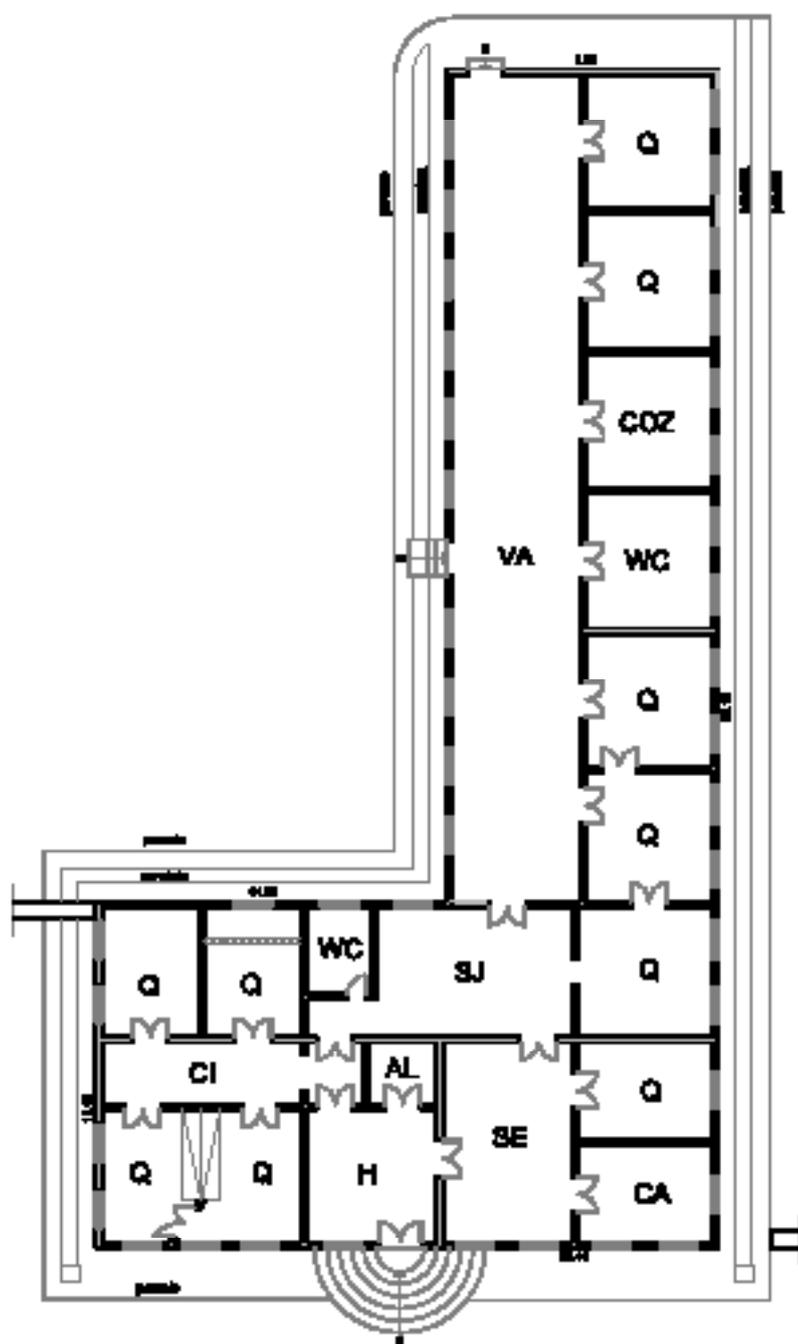
37



38



1 FAZENDA BAMANAL
 Planta de Situação escala 1:8000
 0 5 10 20 30



1 FAZENDA BANANAL
 Planta Baixa do Posto em 1:1000
 0 1 2 3 4

AL - alvará CI - cozinha SE - sala de estar Q - quarto WC - banheiro abertura aberta
 CA - capela COZ - cozinha SJ - sala de jantar VA - varanda abertura fechada

Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense

AII - F07 - RF

2/2

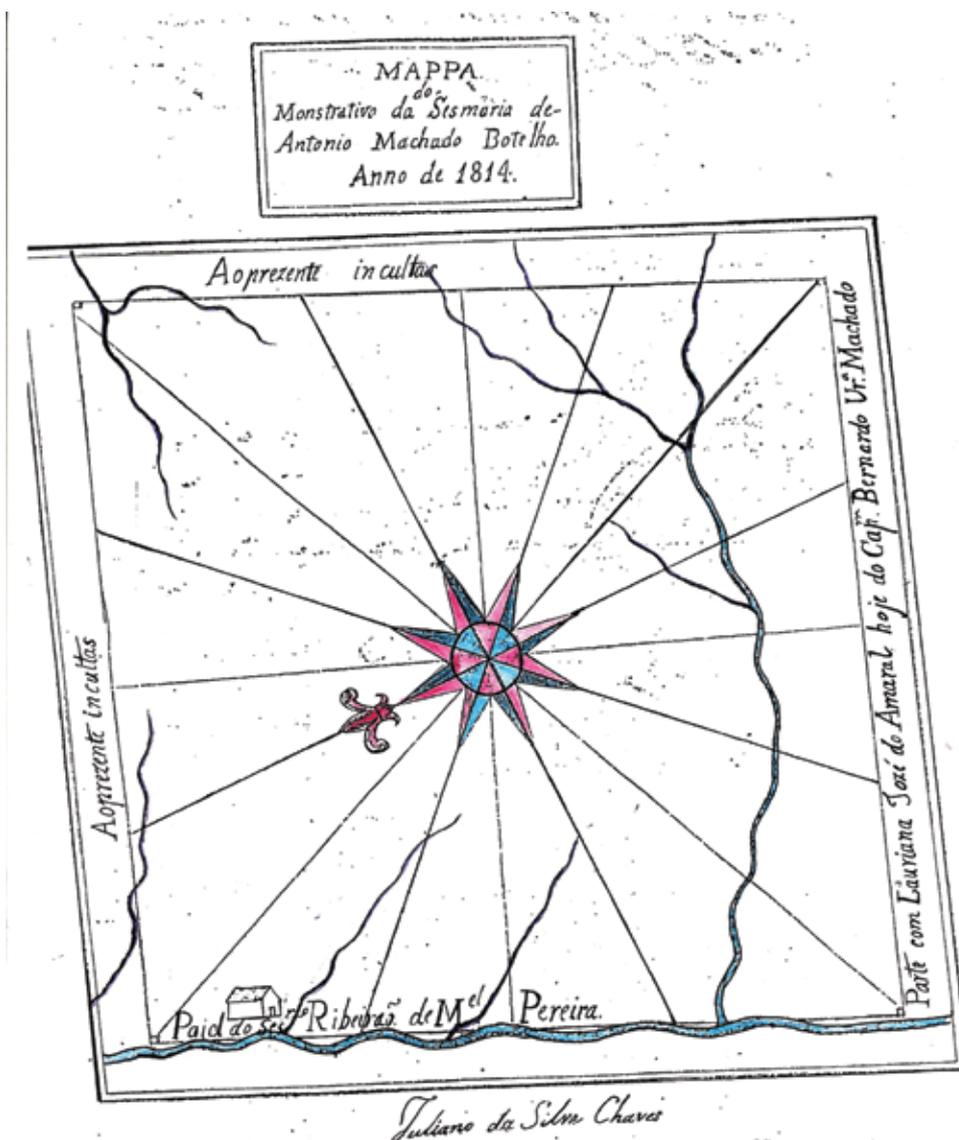
escala:	desenho:	autor:	data:
Auriberto Azevedo M. da Silva / Mauro Reis / Rita de Fátima Vieira	José Ronaldo Reis Novais	Franciely Bourquet	nov 2007

A Fazenda do Bananal era composta inicialmente por uma sesmaria de meia légua em quadra concedida pela Coroa Portuguesa a Antônio Machado Botelho.

Em 1811 iniciou-se o processo de concessão das terras, cujos limites foram demarcados em 1814, como ordenava a lei. Conforme o mapa anexo ao processo de concessão, observa-se que o sesmeiro estabeleceu-se na testada da sesmaria, próximo ao ribeirão Manuel Pereira com ranchos, casas e paióis. A esta propriedade Botelho deu o nome de São Leandro.

Pouco ou quase nada se sabe sobre o fundador Antônio Machado Botelho e quais foram as primeiras atividades agrícolas desenvolvidas na fazenda. No entanto, muito se sabe sobre seus sucessores, os “Rodrigues Barbosa”. Tudo indica que Botelho vendeu esta propriedade por volta de 1830 ao casal Mariana Rosa de Jesus e Francisco Rodrigues Barbosa, filho do também sesmeiro em Vassouras, Francisco Rodrigues Alves. Logo que assumiu a fazenda, Francisco a dividiu em duas partes: a pioneira São Leandro ficou com ele, e a segunda parte, mais para o norte, com o filho de igual nome, Francisco Barbosa Júnior, que fundou a Fazenda do Bananal.

Neste período, vivia-se a crescente prosperidade das lavouras cafeeiras no Vale do Paraíba. Logo, Bananal tornou-se uma das maiores produtoras de café da região da antiga Freguesia de Santa Thereza de Valença, hoje Rio das Flores.



Mapa do Monstrativo da Sesmaria de Antonio Machado Botelho. Anno de 1814 (acervo AN).

Em 1850 faleceu Francisco Barbosa Júnior e seis anos depois sua viúva D. Mariana. Após a partilha dos bens do casal, o filho José Rodrigues Alves Barbosa, aos poucos, adquiriu cada parte dos outros herdeiros na fazenda.

Conhecido pelo tratamento severo aplicado aos seus escravos, José aumentou consideravelmente a produção do café de Bananal a partir da segunda metade do século XIX. Porém as terras do Bananal não eram suficientes para a expansão de suas lavouras. Adquiriu, entre 1876 e 1877, a grandiosa fazenda São Phelipe na província de Minas Gerais, situada a alguns quilômetros da Bananal. Nesta ocasião a pioneira Bananal, de unidade principal, passa a secundária. Isso explica a conservação das feições originais da sede da fazenda, típicas da arquitetura pioneira. A expressão social e econômica alcançada por José confere a ele o título de Barão de Santa Fé, concedido pelo Imperador D. Pedro II, em 1876.

A abolição da escravatura coincidiu com a exaustão do solo, principal motivo da decadência dos cafezais do Vale. Santa Fé, que nunca acreditou no fim do cativeiro, foi atingido em cheio. As perdas foram muitas... Neste mesmo ano faleceu a Baronesa e, idoso sem possibilidades físicas e financeiras de administrar as fazendas, após a venda da rica Fazenda São Phelipe, mudou-se para Niterói.

Sob a administração do genro José Alves Horta, a fazenda do Bananal permaneceu com a família até o final do século XIX.

Em 1899, faleceu em Niterói, em idade avançada, o Barão de Santa Fé.

Por volta de 1903, Horta vendeu a fazenda do Bananal ao sócio José Manoel Fernandes, que trabalhava como administrador na fazenda.

Coube a José Manoel Fernandes a iniciativa de substituir os envelhecidos cafezais da Bananal por pasto, para o gado de leite.

Do casal José Manoel Fernandes e Clotilde Sampaio Fernandes nasceram filhos, entre eles Antônio Valdemiro, casado na capela da fazenda em 1922 com Antonieta Campana. Este se tornou único proprietário após 1929, quando foi desfeita a sociedade com o sogro, José Campana.

Atualmente, Bananal pertence aos filhos de Antônio Valdemiro Sampaio Fernandes, que faleceu em 1986. Com uma área de noventa alqueires geométricos, dedica-se à pecuária leiteira.

